

Apresentação

Marginais e Periféricas: tensões e interseções na literatura brasileira contemporânea

Cleber José de Oliveira (UFGD)¹
Patrícia Marcondes de Barros (UEL)²

*Nem tudo o que é torto [marginal] é errado.
Veja as pernas do Garrincha
e as árvores do cerrado.*
Nicolas Behr

Toda literatura periférica é marginal, mas nem toda literatura marginal é periférica. Isso considerado, questiona-se: Quais os elementos que as constituem? Quem são seus produtores? Quais os pontos de contato e de distanciamento entre uma e outra? Qual a relevância de ambas nos cenários cultural, político e social brasileiro?

Para compreender a literatura brasileira dos últimos cinquenta anos, é essencial reconhecê-la como um espaço de poder em constante contestação e disputa (Dalcastagnè, 2012). As obras produzidas em contextos de repressão, segregação e desigualdade carregam marcas profundas de marginalização. Em períodos de supressão da liberdade de expressão e ruptura com o estado democrático de direito, essas expressões discursivas e estéticas entram em colisão direta com o establishment, refletindo e, ao mesmo tempo, resistindo às condições adversas sob as quais foram criadas. Além disso, esses artistas atuam de forma política, visando consolidar a liberdade tanto do "eu" quanto do "outro" e participando ativamente na ocupação de espaços de representação.

Na perspectiva literária brasileira, o termo “marginal” se aloca tensionado. A princípio, foi empregado para designar a produção de poetas relacionados ao movimento de contracultura nas décadas de 1960 e 1970 do século passado. Ana Cristina César, Cacaso, Ricardo Chacal, Paulo Leminski, Torquato Neto, Nicolas Behr são alguns dos nomes proeminentes da literatura marginal, conhecida comumente como “geração mimeógrafo”.

A produção dessa geração foi marcada pela irreverência, pelo experimentalismo e pela busca de uma linguagem poética que rompesse com as convenções literárias estabelecidas. Seus trabalhos foram frequentemente disseminados por meio de livros mimeografados, revistas alternativas, folhetos e outras formas não convencionais de publicação, desafiando o circuito editorial tradicional. Os temas urbanos, tratados com linguagens inovadoras e a ênfase na poesia performática refletiram as novas experimentações. Esse movimento diferenciado na produção literária não apenas desafiou as normas convencionais, mas também permitiu que vozes marginais e alternativas, especialmente as da juventude, fossem ouvidas, ampliando assim as fronteiras do discurso literário. Procurou-se, também, segundo Heloísa Buarque de Hollanda

¹ Professor de literatura brasileira no Programa de Pós-graduação em Letras da FALE (UFGD).

² Professora no curso de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

(1982, p.8), responder aos impasses gerados no interior do processo cultural brasileiro frente à crise do populismo, aos movimentos revolucionários da esquerda engajada, à modernização reflexa e às novas táticas de atuação política pós-1968.

A “marginalização por opção” e a busca de autonomia desse grupo de poetas ultrapassaram a crítica aos cânones literários, expressando também um novo comportamento, linguagem, crítica social e política. Esse fenômeno foi analisado no calor do momento por Afonso Henriques Neto no artigo "Poesia, anos 70: contra que cultura?", publicado na revista *Módulo – Revista de Arquitetura, Arte e Cultura* (1979):

[...] A moçada tinha de abrir a janela que pudesse, ou melhor, que inventasse. E agora os versos são pássaros voando das gargantas dos poetas, são espetáculos musicais incendiados de beleza, são as danças desenfreadas nos espaços conquistados ao medo, são happenings de aço e fumaça, são os poetas indo às gráficas, transando seus próprios livros, aprendendo o artesanato que propiciará um baixo custo editorial, é a geração mimeógrafo, são folhas de sonho rolando de mão em mão, é o contato direto do poeta com seu público, é a venda dos livrinhos nas portas do teatro, galerias de arte, butiques e bares da moda, é o assumir sua própria moda e a crítica da classe média sem disfarces populistas, são versos de uma enorme esperança em meio ao sufoco geral. Insubordinação político-poética de 68, mais movimento pacifista hippie mais rock mais zen mais samba (Henriques, 1979, p.46).

Em "diferentes margens", no limiar dos anos 2000, o termo “marginal” é reivindicado e utilizado pelo escritor Ferréz para nomear a produção litero-musical, que abrange romances, poemas, contos, crônicas, saraus e rap. Esta produção é caracterizada por traços mestiços e pela oralidade, sendo produzida por indivíduos provenientes de comunidades periféricas. Mais adiante, em 2008, o poeta Sergio Vaz publica, em forma de poema, o “Manifesto da Antropofagia Periférica”, cujo primeiro verso afirma: “a periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor”. A partir disso, o termo “marginal” começa a ser ora preterido, ora atrelado ao termo “periférico”.

Dessa forma, as expressões “literatura marginal” e “literatura marginal periférica” passam a coexistir dialeticamente e em tensão, refletindo as complexas identidades e dinâmicas culturais dos sujeitos e comunidades que as produzem. Essa evolução terminológica e conceitual indica um movimento de ressignificação e afirmação das vozes marginais e periféricas, que encontram na literatura e na música formas potentes de expressão e resistência.

Diante disso, ocorre uma reorientação do olhar, uma nova forma de se pensar sobre o fazer artístico – literário e cancional – entre o centro e as margens (Sussekind, 2005; Tennina, 2017). Essa transformação reflete uma mudança significativa na percepção e na valorização da produção artística que emergia das periferias, incorporando elementos de resistência e inovação que desafiavam as estruturas tradicionais de poder e expressão cultural. Registre-se que a diferença de origem socioeconômica e étnica dos autores marginais e periféricos afeta também de maneira diferente o modo de produção de suas respectivas expressões.

Portanto, sobre as referidas produções o que se constata é que há continuidades e descontinuidades. A possibilidade da opção, isto é, poder escolher produzir literatura e as origens socioeconômica e étnica seus produtores, *a priori*, são suas principais nuances. Não obstante,



essa é uma discussão que não termina aqui, pois se alonga no tempo-espço contemporâneo, engendrando uma simbiose de novos elementos e características cada vez que se coloca em voga como objeto de análise no debate público e acadêmico.

O presente Dossiê intitulado **Literaturas Marginais e Periféricas: tensões, interseções, rupturas e resistências**, configura-se como um suporte de mediação de discussões críticas de natureza acadêmica sobre as produções literárias e cancionais brasileiras de cunho marginal e/ou periférico. Amplificar o debate público em torno dessas produções, seus autores e suas temáticas, bem como explicitar suas continuidades e descontinuidades, são os principais objetivos.

Sobre tais produções, é possível entrever que a literatura marginal dos anos 70 desempenhou um papel crucial na contestação das normas culturais e políticas da época, oferecendo uma voz poderosa contra a repressão e a censura durante a ditadura militar no Brasil. Já a literatura periférica contemporânea (inclui-se, o Rap e a poesia falada na modalidade Slam) continua a desempenhar um papel vital na articulação das vivências e das lutas sociais dos estratos marginalizados. Esta literatura não só promove a experimentação artística, mas também oferece uma crítica contundente às desigualdades sociais, econômicas e raciais, dando voz a indivíduos e comunidades que tradicionalmente foram excluídos dos espaços de poder e representação.

O expressivo número de submissões recebidas no sítio da revista Boitató para compor este Dossiê, propiciou a produção de **duas edições**, evidenciando o crescente interesse do meio acadêmico pela literatura marginal e periférica não apenas pela importância estética dessas produções literárias, mas também seu impacto social e histórico.

Esta primeira edição de 2024 é composta por dez artigos de pesquisadores vinculados a universidades localizadas em diferentes regiões do Brasil. Estes apresentam discussões, estudos e teses relacionadas tanto à literatura marginal dos anos 70 quanto às periféricas. A questão étnico-racial, o poder da voz literária, os contextos de repressão, os conceitos de marginalidade, as violências físicas e simbólicas, o lócus e os meios de produção, as questões de representação e autorrepresentação na arte literária são algumas das temáticas abordadas.

Além disso, a presente edição traz uma entrevista com o poeta cuiabano Nicolas Behr, um dos expoentes da poesia marginal dos anos 70. Nela, o poeta nos conta sobre sua poesia escrita, falada e, antes de tudo, vivida, desde os tempos de repressão militar até a atualidade, com seu envolvimento nas causas ambientais.

Boa leitura!
Os Organizadores



REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

FERRÉZ. Terrorismo Literário. In: FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HENRIQUES NETO, Afonso. **Poesia, anos 70: contra que cultura?** In revista *Módulo* – revista de Arquitetura, Arte e Cultura, São Paulo, 1979.

HOLLANDA, Heloísa Buarque, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia Jovem Anos 70**. Colaboração Lula Buarque de Hollanda, consultoria Leila Miccolis e Maria Amélia Melo. São Paulo: abril Educação, 1982.

SUSSEKIND, F. Desterritorialização e forma literária. *Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana*. **Literatura e sociedade**.USP, n 08, p. 60-81, 2005.

TENNINA, L. Cuidado com os poetas! *Literatura e periferia na cidade de São Paulo*. Trad. Ary Pimentel. Porto Alegre: Zouk, 2017.

VAZ, S. **Colecionador de Pedras**. São Paulo: Literatura Periférica, 2007.

